

INFARTOS PSÍQUICOS – AS CONSEQUÊNCIAS DA SOCIEDADE DE DESEMPENHO

Lucas Brito Santana da Silva¹

Graduado em História pela UFAL – Campus do Sertão

Pós-graduado em Neuropsicopedagogia pela INTERVALE

Graduando em Filosofia pela UNIFAVENI

Graduando em Sociologia pela UNIFAVENI

Professor Efetivo da Rede Estadual de Educação de Pernambuco.

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar a sociedade pós-moderna enquanto máquina produtora de transtornos mentais decorrentes do excesso de desempenho, a partir do livro *Sociedade do Cansaço* do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Para conduzir este objetivo, foi erigido o seguinte problema: quais as características fundamentais da sociedade pós-moderna e as suas consequências para os seres humanos deste século XXI. Ademais, destaca-se que este trabalho é uma pesquisa de natureza qualitativa e foi desenvolvido essencialmente a partir da metodologia de revisão bibliográfica. As análises desse filósofo apontam que o paradigma atual regente das relações sociais e a formação de identidades tem produzido uma infinidade de problemas neuronais, entre os quais o mais representativo da chamada sociedade de desempenho é a Síndrome de Burnout. O diagnóstico final é que a sociedade pós-moderna caminha para uma exaustão geral, para o cansaço. Mas não se trata de um caminho sem volta, sendo possível agir sobre essa condição a partir de um prognóstico do próprio autor que aponta para uma pedagogia do ver e para um cansaço fundamental como saídas para a violência neuronal contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade de desempenho. Byung-chul han. Transtornos mentais. Positividade. Cansaço.

ABSTRACT

The general objective of this article is to analyze postmodern society as a machine that produces mental disorders resulting from excess performance, based on the book "The Burnout Society" by the South Korean philosopher Byung-Chul Han. To pursue this objective, the following problem was formulated: what are the fundamental characteristics of postmodern society and its consequences for human beings in the 21st century. Furthermore, it is noteworthy that this work is a qualitative research and was essentially developed through the methodology of bibliographic review. The analyses of this philosopher point out that the current paradigm governing social relations and identity formation has produced a multitude of neuronal problems, among which the most representative of the so-called performance society is Burnout Syndrome. The final diagnosis is that postmodern society is heading towards a general exhaustion, towards fatigue. But it is not a point of no return, as it is possible to act on this condition based on the author's own prognosis, which points towards a pedagogy of seeing and towards a fundamental fatigue as ways out of contemporary neuronal violence.

KEYWORDS: Performance society. Byung-chul han. Mental disorders. Positivity. Fatigue.

INTRODUÇÃO

¹ Endereço Eletrônico: lucasbrito1900@gmail.com

Este período chamado atualmente de pós-modernidade é provavelmente um dos momentos mais conturbados da história humana, não em relação à subsistência física em suas determinações biológicas nem em relação à ameaça iminente de uma destruição do homo sapiens pela guerra, fome ou peste; que era o caso da maior parte da humanidade ao longo da sua existência.

Conforme Harari (2015), esses três fatores citados (fome, peste e guerra) eram pesadelos universalmente presentes nas preocupações das pessoas, vivessem elas na China novecentista, na Índia Medieval ou no Egito Antigo das primeiras pirâmides. Nas palavras do autor,

Geração após geração os humanos rezaram para todos os anjos, deuses e santos e inventaram um sem-número de ferramentas, instituições e sistemas sociais – mas seguem morrendo aos milhões de inanição, epidemias e violência (ibidem, p. 02).

A tese do autor é que esses problemas foram resolvidos, ou, pelo menos, as sociedades atuais têm capacidade de resolvê-los, a começar por serem problemas enxergados como originados deste mundo, ao invés punições divinas devido a algum mal comportamento da humanidade. Para a decepção das mentes apocalípticas, das pessoas que constroem bunkers em florestas enquanto aguardam a próxima pandemia devastadora, dos sobrevivencialistas que armazenam anos de alimentos esperando a terceira guerra mundial ou o novo *crash* do sistema financeiro – as sociedades pós-modernas realmente têm se mostrado bastante resilientes.

A pandemia do vírus SARS-CoV-2 é o evento mais recente a mostrar a capacidade de mobilização e resolução de problemas na atualidade. Trate-se de um desempenho inédito na história das doenças e das vacinas. Se as sociedades contemporâneas são tão capazes assim de resolver esses problemas, pode-se perguntar por que ainda não foi erradicada a fome na África. Harari (2015) responde, trate-se mais de um problema político do que de ausência de condições e capacidade. Ao conseguir, em grande parte, dominar os flagelos fome, guerra e peste, a humanidade começa a se voltar para outros problemas grandiosos, e certamente o maior deles é em relação à morte.

Uma quantidade significativa de recursos e esforços, de capital humano são atualmente voltados para as pesquisas que visam encontrar formas de superar esta que é dita às vezes como a mais fundamental condição do ser humano – a finitude. Se for aceito o otimismo preocupado de Harari (2015), talvez um dos entendimentos fundamentais da filosofia de Heidegger – o de que o ser humano é um ser para a morte – tenha de ser repensado. Em outras palavras, pode-se dizer que o ser humano busca superar a finitude e tornar-se uma espécie de deus.

Esse grande sonho da razão pós-moderna, para lembrar a magnífica pintura de Goya *El sueño de la razón produce monstruos*, encobre muitas situações problemáticas da contemporaneidade. Enquanto a peste, a guerra e a fome se mostram problemas colocados sob

controle, enquanto a humanidade dá seus primeiros passos para o sonho da imortalidade, grande parte dessa mesma humanidade sucumbe a perturbações, sofre aquilo que Han (2015) chama de “infartos da alma”.

O potencial material necessário para se alcançar os sonhos da razão pós-moderna tem sido desenvolvido às custas da submissão a um sistema econômico que tem produzido inúmeros monstros. O animal mortal que quer se tornar um Deus tem morrido de perturbações da alma, de depressão, ansiedade, burnout.

O objetivo geral deste artigo é analisar a sociedade pós-moderna enquanto máquina produtora de transtornos mentais decorrentes do excesso de desempenho, a partir do livro *Sociedade do Cansaço* do filósofo sul-coreano Byung Chul-Han. Para conduzir este objetivo, foi erigido o seguinte problema: quais as características fundamentais da sociedade pós-moderna e as suas consequências para os seres humanos deste século XXI.

Byung Chul-Han é um filósofo sul-coreano radicado na Alemanha. É um dos autores mais relevantes da atualidade, possui mais de uma dezena de livros publicados e um dos seus principais temas de pesquisa e reflexão são os problemas que afligem a sociedade contemporânea. Atualmente, Han é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim.

A ERA IMUNOLÓGICA E O DESAPARECIMENTO DA ALTERIDADE

Vários são os termos que atualmente podem ser encontrados para se referir à época contemporânea, alguns autores a chamam de pós-modernidade, modernidade líquida, modernidade reflexiva, modernidade radicalizada, modernidade tardia e etc. Com essas nomenclaturas, o que geralmente se quer reforçar é a ideia de que a contemporaneidade possui características diferentes em relação à Modernidade tradicional, com um maior ou menor grau de ruptura e mudança, a exemplo do ocorrido na formação das subjetividades.

Segundo Hall (2006), a formação das subjetividades mudou bastante ao longo dos séculos, ao ponto de se ter passado de uma identidade estável, autocentrada, unificada, reta a qual ele se refere como própria do sujeito iluminista e de sua crença na razão, para uma identidade marcada pela mutabilidade, pela instabilidade, liquidez, que é “definida historicamente, e não biologicamente”, onde o “sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (ibidem, p. 13). Ao sujeito que possui essa identidade, o autor chama de “sujeito pós-moderno”; é o tipo de identidade que se conjuga perfeitamente aos sujeitos observados por Han (2015).

Nesta pesquisa, Byung-Chul Han é o principal autor abordado. Nele encontra-se a época contemporânea sendo referida como pós-moderna, a sua sociedade sendo chamada de

sociedade do desempenho e sociedade do cansaço, e os seus sujeitos sendo apontados como “sujeitos de desempenho”; termos que serão bastante explorados e utilizados neste trabalho.

Em Sociedade do Cansaço, uma das constatações principais de Han (2015) é que a sociedade contemporânea sofreu uma mudança de paradigma no referente às relações humanas. Para o autor, o século XX poderia ser caracterizado como uma Era Imunológica, uma “época na qual se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo ou entre próprio e estranho” (ibidem, p. 07). Esse paradigma imunológico que vigorou nas relações sociais durante o século XX permitia uma vida social onde as fronteiras entre o eu, o próprio, o mesmo e o outro, o diferente, o estranho fossem claras, no qual a alteridade ainda existia em seu pleno sentido.

Uma das principais consequências decorrentes da mudança do paradigma ocorre na alteridade, pois esta é um elemento fundamental da própria imunologia. A analogia com o sistema imunológico será operada a partir de duas outras categorias fundamentais para Han, e mesmo mais amplas do que a imunologia; trata-se da positividade e da negatividade. A positividade representa o mesmo, o si, o sim, a negatividade representa o outro, o não-eu, o não.

Pode-se dizer que não há imunologia sem alteridade. Ao explicar o funcionamento da imunologia e como ela age com o elemento alteritário, Han (2015) aponta que o “objeto da defesa imunológica é a estranheza como tal. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua alteridade” (ibidem, p. 07-08). Socialmente, isso se traduzirá em relações sociais nas quais os indivíduos ainda se reconhecem como seres diferentes, distintos, verdadeiramente possuidores de características que impedem que o Mesmo e o Outro sejam sobrepostos.

Nessa sociedade regida pelo paradigma imunológico ainda existem inimigos e a lógica do ataque e defesa opera ininterruptamente. Pode-se dizer que o mundo social que representou o ápice desse paradigma foi o mundo da Guerra Fria, com a sua percepção paranoica colocando inimigos por todo lado. Conforme análise de Han (2015), esse mundo não existe mais, e o que marca a queda do paradigma imunológico é o processo de desaparecimento da negatividade e, em inevitável consequência, da alteridade.

Han (2015) afirma que, observadas a partir das lentes dos patologistas, todas as épocas possuem as suas enfermidades. Neste século XXI, diferentemente dos anteriores assolados principalmente por doenças provocadas por vírus e bactérias, as doenças na ordem do dia a flagelar os sujeitos pós-modernos são do tipo neuronal. Ora, em contraposição aos ambiciosos sonhadores de Harari (2015) em Homo Deus, os sujeitos de Han (2015) agonizam em meio a uma infinidade de doenças neuronais, como

a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade (ibidem, p. 07).

Nessa passagem tem-se o diagnóstico central da obra de Han que está sendo trabalhada nesta pesquisa, o livro *Sociedade do Cansaço*. O crescente desaparecimento da alteridade, da negatividade e o subsequente aumento e excesso de positividade são os fatores primordiais dos adoecimentos neuronais do século XXI.

Coaduna-se a essa avaliação o aumento vertiginoso de transtornos mentais registrados no popular DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais). Em sua primeira versão, datada de 1952, eram catalogados 106 diagnósticos no DSM; na última versão desse manual, publicada em 2013, listavam-se mais de 300 diagnósticos, explanados ao longo de quase mil páginas².

Costa e Noyama (2017), ao apontarem a relação direta do sistema capitalista com a formação dos sujeitos analisados por Han (2015), afirmam que o desaparecimento da alteridade e sobrelevação da positividade é um processo “planejado de inibição das diferenças, e que na nomenclatura da filosofia pode ser entendido como uma tentativa de eliminar a alteridade e evitar os processos dialéticos, isto é, as construções resultantes dos embates, dos choques e das contradições” (Costa; Noyama, 2017, p. 311).

Conforme Han (2015), essa eliminação dos processos dialéticos autenticamente alteritários significa o desaparecimento da dialética negativa tradicional; a dialética positiva atual, avessa a negações, contraposições, antíteses, antinomias e antagonismos é incapaz de formar identidades ao modelo da velha dialética do senhor e do escravo.

As identidades atuais são formadas por um excesso de positividade, ao “sim” do Eu o Outro apenas ecoa o mesmo “sim”. Vive-se em um mundo onde todos se afogam em seus próprios reflexos, ou, como afirma Bernabé e Hugo (2022), numa sociedade onde o indivíduo “corre o risco de perpetuar-se em um solipsismo” (ibidem, p. 125), na qual é válido questionar se mesmo a morte ainda permanece como ser de alteridade.

Ao invés de alteridade, tem-se atualmente apenas a diferença, entendida como uma descaracterização daquela, que a torna digesta justamente por não apresentar elementos negativos para os sujeitos de positividade extrema. De acordo com Han (2015),

A diferença pós-imunológica, sim, a diferença pós-moderna já não faz adoecer. Em nível imunológico, ela é o mesmo. Falta à diferença, de certo

² Cf. GARCIA-JR; PEREIRA - Proliferação diagnóstica e a problemática do risco no DSM-V: O caso da síndrome de psicose atenuada. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.12, n.33, p.125-142, 2020.

modo, o agulhão da estranheza, que provocaria uma violenta reação imunológica. Também a estranheza se neutraliza numa fórmula de consumo. O estranho cede lugar ao exótico (ibidem, p. 08).

Para os sujeitos pós-modernos, parece ter se tornado condição que o Outro da relação social esteja compartilhando da identidade do Mesmo; e, se não estiver, a essa condição será reduzido. Em exemplo do autor, o outro não é um estranho, apenas algo exótico. Os próprios imigrantes, essas figuras que já foram submetidas a terríveis episódios de xenofobia ao longo da história, atualmente são enxergados de forma amenizada. O risco que são acusados de representar se desligou das suas características identitárias, não causam mais medo – passaram a ser “vistos mais como um peso do que como uma ameaça” (Han, 2015, p. 09).

Em retorno às considerações de Costa e Noyama (2017), apesar de Han (2015), em *Sociedade do Cansaço*, não explorar intensivamente essa relação entre o capitalismo e a sociedade do cansaço, ela é evidenciada pelo autor, especialmente em suas consequências para os sujeitos pós-modernos. Se os resultados das determinações econômicas sobre a subjetividade das pessoas as fazem implodir e terem infartos psíquicos, enquanto isso não acontece se tem trabalhadores de alto desempenho, tem-se aqueles que o autor chama de “sujeitos de desempenho”.

SOCIEDADE DE DESEMPENHO

Em sua análise, Han (2015) afirma que se vive atualmente em uma sociedade de desempenho. Esta sociedade, em parte significativa é diferente dos modelos que vigoraram antes, a exemplo da sociedade disciplinar de Michel Foucault e da sociedade de controle de Gilles Deleuze. O autor não fala que todos os elementos dessas sociedades foram superados, antes se teria uma evolução compassada com as ferramentas e dispositivos mais úteis da disciplina e do controle. Nos termos do autor,

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos (ibidem, p.14).

Nessa passagem se tem alguns traços fundamentais dos sujeitos de desempenho da sociedade pós-moderna: desempenho, produtividade e auto-exploração na figura do *self-made man*, o empresário de si mesmo. São os filhos da sociedade de desempenho, caracterizada pela superprodução, superdesempenho e supercomunicação.

Um dos veios de transformação da sociedade disciplinar nessa sociedade de desempenho esta nas limitações da própria disciplina e suas técnicas em relação à produtividade humana. Então, em nome da elevação da produtividade, substitui-se a disciplina “pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento” (Han, 2015, p.15).

Essa limitação da produtividade humana em proporção ao nível de negatividade é também constatada por Piketty (2014), que aponta que o trabalho escravo, como um extremo da negatividade da proibição, seria uma forma de trabalho de baixa produtividade, se comparada com o desempenho do trabalho assalariado ao longo da história. Quanto à contemporaneidade, no resultado dessa substituição do paradigma disciplinar para o de desempenho tem-se sujeitos mais rápidos e produtivos que os sujeitos de obediência, que trabalham até o seu esgotamento total e colapso.

Enquanto sujeitos obcecados com o seu desempenho e crentes de que tudo o que querem ou necessitam depende apenas de seus próprios esforços, os sujeitos de desempenho se subjagam a metas infinitas que, não raro, acabam em autodestruição. Segundo Viera (2022),

Na sociedade do desempenho, os sujeitos vivem em um continuum, em que cada meta alcançada é sucedida de novas metas, o que se traduz em um sentimento constante de insuficiência, de insaciedade, que opera de modo a reproduzir, de forma quase compulsória e obsessiva, o ciclo incessante da ação. O colapso psíquico e físico, a estafa e a autodestruição aparecem como desfecho desse ciclo que parece interminável (ibidem, p. 02).

Uma destruição de si causada não mais pelas mãos do carrasco capitalista encarnado em algum empresário, mas pelas próprias mãos do “trabalhador”, pelo esforço e esgotamento extremos do empresário de si, sempre atento aos ditames contemporâneos de agarrar projetos para si, de sempre ter iniciativa, de estar perpetuamente motivado, “vencer, empreender, ser proativo, engajar-se, melhorar o rendimento, adaptar-se, ser flexível, desenvolver competências” (ibidem, p. 03).

Tudo depende de si, são sujeitos que podem tudo. Nos termos de Han (2015), o “poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho” (ibidem, p.14). A meritocracia, geralmente utilizada em discursos falaciosos, encontra nessa sociedade de desempenho a sua forma mais deturpada, enquanto discurso voltado para a auto-exploração e resignação ao insucesso – este ocorrendo justamente porque o indivíduo não se esforçou o suficiente.

Han (2015) sintetiza esse cenário de auto-exploração extrema no conceito de liberdade coercitiva. Trata-se de uma falsa liberdade. O sujeito de desempenho pode escapar da coerção

externa explícita através de um empregador, se tornando, desse modo, “senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submetido a ninguém ou está submetido apenas a si mesmo”. (Han, 2015, p. 16). As ações do sujeito passam a ser enxergadas por si mesmo como determinadas antes de tudo por sua própria vontade autônoma. Contudo, conforme o autor de *Sociedade do Cansaço*,

A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. (ibidem, p. 17).

Este é um diagnóstico da sociedade de desempenho que afirma que a autoexploração é mais fundamental para a elevação da produtividade do que a ação coercitiva explícita de qualquer instância de dominação exterior ao indivíduo. Para isso é fundamental que os sujeitos se sintam livres, que as suas existências em processo de extenuação contínuo sejam interpretadas como a materialização da sua liberdade; que os seus fracassos, não mais reconhecidos como “legítimos da condição humana” (Amaral, 2016, p. 298), sejam interpretados como incompetência, ausência de esforço, de empenho, de foco, de compromisso.

Nessa sociedade, rebelar-se contra os ditames da produtividade como ““criatividade”, “desempenho”, “inovação”, “boa vontade”, “iniciativa individual” e “flexibilidade”” (Corbanezi, 2018, p. 337, Grifos do Autor) é o mesmo que renegar a liberdade e a autonomia. E porque poucos se rebelam antes do esgotamento completo, a sociedade de desempenho pode ser avaliada como produtora de “depressivos e fracassados” (Han, 2015, p.14-15), uma máquina produtora de sujeitos com transtornos mentais.

VIOLÊNCIA NEURONAL, CANSAÇO E INCAPACIDADE DE CONTEMPLAÇÃO

As principais consequências da sociedade de desempenho são os transtornos mentais produzidos nos sujeitos pós-modernos. Depressão, ansiedade patológica, síndrome de Burnout, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), além dos transtornos de personalidade. Vide, novamente, os mais de trezentos diagnósticos do DSM e suas quase mil páginas.

Não cabe neste trabalho desenvolver a problemática sobre a etiologia desses transtornos, sobre a participação exata de fatores sociais e biológicos em seu desenvolvimento. Mas pode-se afirmar que, desde Durkheim e seu estudo sociológico sobre o suicídio, e apesar de todas as

críticas que este recebeu, os comportamentos humanos avaliados como patológicos podem, e muitas vezes devem, ser estudados a partir de suas causas sociais³.

Na própria psiquiatria contemporânea, juntamente com as colaborações dos estudos desenvolvidos nas áreas das neurociências, se tem desenvolvido abordagens que consideram diretamente a influência externa à constituição genética dos indivíduos no referente ao desenvolvimento de transtornos mentais. Conforme Silva e Ortega (2014), uma abordagem que tem se mostrado importante ao explorar essa direção é a da epigenética aplicada ao campo psiquiátrico, uma abordagem que considera a interação entre a herança genética de um indivíduo e as influências ambientais no desenvolvimento de doenças.

Ademais, é importante considerar as ações da Organização Mundial da Saúde (OMS), que vem realizando alertas sobre o crescente número de problemas enfrentados na área de saúde mental em total o planeta. Entre esses alertas, tem-se um gigantesco levantamento sobre saúde mental divulgado pela OMS em 2022, o World Mental Health Report, que visa fornecer “um plano para governos, acadêmicos, profissionais de saúde, sociedade civil e outros com a ambição de apoiar o mundo na transformação da saúde mental” (Ministério da Saúde, 2022).

Nesse levantamento, pode-se ler o seguinte dado, referente a 2019, ano no qual “quase um bilhão de pessoas – incluindo 14% dos adolescentes do mundo – viviam com um transtorno mental. O suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes e 58% dos suicídios ocorreram antes dos 50 anos de idade” (ibidem, 2022). São dados e estudos que apontam para os transtornos mentais como um problema de saúde global, ou, nos termos de Han (2015), para o século XXI como a era das doenças neuronais.

Han (2015) interpreta esse século dos transtornos mentais como a materialização de uma violência, especificamente a “violência neuronal”. Essa violência neuronal se constata no excesso de positividade manifestada pelos sujeitos de desempenho, afogados em ações de “superprodução, superdesempenho ou supercomunicação”, sucumbindo ao “esgotamento, a exaustão e o sufocamento” (ibidem, p. 10-11).

É um tipo de violência caracterizada por “um grande esforço do sujeito para exigir mais de si mesmo, deixando-o absolutamente cansado”, além de o “sujeito também não poder se permitir falhar, subindo, assim, o caminho à beira da decadência e colapso mental” (Costa, 2023, p. 45). Submetido a essa violência, o sujeito se consome de dentro para fora, até a sua última centelha de energia, até o estado de *burnout*.

A violência neuronal é definida por Han (2015) como uma violência imanente e sistêmica. Diferentemente das doenças da Era Imunológica, as doenças neuronais não nascem

³ Giddens, A. Sociologia. 6ª Edição ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

do embate com um Outro, não há reação imunológica em seu processo de instalação no sujeito – elas escapam “a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade” (ibidem, p.12). São doenças nascidas do excesso de si mesmo, do excesso de positividade. Nesse sentido,

Tanto a depressão quanto o TDAH ou o SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso de igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo. (ibidem, p.12).

A autoexploração é a ação fundamental nesse mundo social supersaturado pela positividade. É por meio dela que os sujeitos pós-modernos consomem suas almas até o esgotamento e paralisia de seus corpos. O voto de obsessão em relação ao desempenho desumaniza o ser humano e o transforma em *animal laborans* (Han, 2015), um ser que passa a existir em função da produtividade.

Nessa vida nua, ininterruptamente ativa, não há “espaços para estímulos de interrupção dessas ações, a vivência se concebe reduzida às atividades de exaustão” (Costa, 2023, p. 66). O sujeito de desempenho não para. Ele não é capaz de conceber, sem se recriminar, uma existência em outro ritmo, com outros objetivos para além da produção. Na afirmação da soberania sobre si mesmo, esse sujeito só reconhece e obedece um mandamento: produzir.

Os resultados da sociedade de desempenho, os crescentes números de infartos psíquicos, tornados onipresentes na paisagem social do século XXI, levam Han (2015) a denominar essa sociedade como sociedade do cansaço. A fadiga, a estafa, a exaustão, a lassidão, o esgotamento parecem os resultados inevitáveis para indivíduos que vivem sob o mandamento do desempenho.

Em Sociedade do Cansaço, Han (2015) vai trabalhar o conceito de cansaço em duas direções. Na primeira, o cansaço aparece como o resultado trágico da sociedade de desempenho, um cansaço que espelha a autodestruição dos sujeitos pós-modernos colapsados em seu excesso de positividade; “é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando” (ibidem, p. 38). Na segunda, o cansaço aparece em sentido prognóstico, sendo entendido como terapia para o primeiro, um cansaço que o autor chama de fundamental. Neste cansaço,

No tornar-se menos do eu, desloca-se o peso do ser do eu para o mundo. [...] O menos no eu se expressa como um mais para o mundo. [...] O ‘cansado’ habilita o homem para uma serenidade e abandono especial, para um não fazer sereno. Não é um estado onde todos os sentidos estariam extenuados. [...] Toda e qualquer forma é lenta. Toda e qualquer forma é rodeio. Faz desaparecer a economia da eficiência e da aceleração. (ibidem, p. 38-39).

No cansaço fundamental, o autor enxerga uma saída para o esgotamento resultante dos mandamentos do desempenho. É uma forma de reabilitar a negatividade, de desfazer o excesso

de positividade e de si mesmo, e experimentar a vida para além da sua nudez e animalização pelo trabalho.

Por fim, interessa explorar aqui uma terceira grande consequência da sociedade de desempenho: a incapacidade de contemplação. A positivação extrema da sociedade contemporânea e dos seus indivíduos produz uma existência social ininterruptamente ativa, sem pausas, sem lapsos, “um mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios” (ibidem, p. 29), no qual as consciências são hiperativas e operam uma atenção multifocal.

Esses fatores impossibilitam aos sujeitos de desempenho o desenvolvimento da capacidade contemplativa e o aproximam de características da vida animal selvagem. Segundo Han (2015),

A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prole e manter o olho em seu(sua) parceiro(a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular (ibidem, p. 18).

A atenção multifocal – essa capacidade celebradíssima na sociedade de desempenho de realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo, pode ser excelente para a produtividade, ou, antes, uma capacidade obrigatória para os sujeitos dessa sociedade e sua dinâmica – marca nitidamente a decadência do ser humano em *animal laborans* e a incapacidade de experienciar as coisas que necessitam um demorar-se, um parar, um olhar concentrado, lento e profundo.

Conforme Amaral (2016), “a contemplação da vida, da arte ou de qualquer momento ou elemento que possa trazer prazer, mesmo que seja uma referência simples do cotidiano, perde força na concepção de desempenho” (ibidem, p. 298). Ao lado da atenção multifocal tem-se também a hiperatividade, que acaba funcionando como limitador da atenção para qualquer reter-se para além do seu uso operacional para o desempenho.

Para Han (2015), “A hiperatividade é paradoxalmente uma forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre. Radica-se numa absolutização unilateral da potência positiva” (ibidem, p. 31). O poder-fazer da positividade em sua manifestação na atenção multifocal e hiperativa expõe o sujeito de desempenho como sujeito da passividade – este não detém a sua atenção em um objeto porque é incapaz de fazê-lo.

Passear a atenção em infinitos objetos, o que poderia parecer liberdade, é, na verdade, uma realização mais fácil do que reter a atenção conscientemente, e que poderia ser traduzida como um automatismo no qual a consciência de “A” não é capaz de produzir significado sobre “A” para além da impressão imediata e superficial.

Diante do exposto, reabilitar a capacidade contemplativa do sujeito pós-moderno se torna uma das tarefas mais urgentes para o autor de *Sociedade do Cansaço*. Para isso, é necessária uma “pedagogia do ver” calcada na elevação da “potência negativa”. Esta entendida como uma potência “de não fazer”, de “não perceber”; ações ativas fundamentais para a construção da atenção profunda. Segundo Han (2015), se “desprovidos da potência negativa de não perceber, possuíssemos apenas a potência positiva de perceber algo, a percepção estaria irremediavelmente exposta a todos os estímulos e impulsos insistentes e intrusivos” (ibidem, p. 30). Em outros termos – o dizer sim passivo e indiscriminado da atenção a qualquer objeto destrói a possibilidade da contemplação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vive-se, atualmente, em um mundo prenhe de expectativas positivas sobre o futuro da humanidade. São expectativas distantes da realidade de parte significativa da população mundial, como esse passo “evolutivo” de homo sapiens para homo deus. A realidade social presente dos sujeitos pós-modernos se aproxima mais da imagem decaída do *animal laborans*, o animal cujo objetivo de existência é o desempenho.

Ao analisar a sociedade contemporânea, Han (2015) aponta para uma mudança de paradigma que afeta profundamente as relações sociais e a formação das identidades. No século XXI tem-se assistido à eclosão do paradigma neuronal, que marca esses dois elementos com uma violência inaudita. Conforme o autor, no passado existia uma Era Imunológica, na qual as identidades se formavam numa dialética que ainda incluía elementos autenticamente alteritários em seu jogo. A dialética da Era Neuronal é avessa a negatividades e o mundo atual e os seus sujeitos adoecem e sucumbem por excessos de positividade.

A positivação extrema do mundo pós-moderno e dos seus sujeitos de desempenho é o fator catalizador principal de muitos adoecimentos neuronais atuais, dos infartos psíquicos; é a Era da Síndrome de Burnout, um esgotamento extremo e de tal forma disseminado que permite considerar se atualmente não se vive em uma sociedade do cansaço.

Por fim, é necessário lembrar que o século XXI ainda está em sua primavera e não é possível prever o ápice da sociedade de desempenho e todas as suas consequências – o que impõe a urgência de novos estudos para acompanhar os desdobramentos dessa sociedade. Não obstante, as constatações e análises de Byung Chul-Han sobre essa sociedade que tem se

exaurido pelo excesso de desempenho são suficientes para os primeiros prognósticos sociais que apontam saídas para Era da Violência Neuronal, como a proposta do autor sobre uma pedagogia do ver e sobre o cansaço fundamental.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa. Sintomas de cansaço. *Revista Eco-Pós*, v. 19, n. 1, 2016.
- BERNABÉ, M. Ética do cuidado e alteridade na sociedade do cansaço de Byung-Chul Han. *Revista Aurora*. 2022 Oct 18;15(1):115–30.
- CORBANEZI, E. Sociedade do cansaço. *Temp soc.*, São Paulo, V. 30, N.3, p. 335-342, 2018. Acessado em: 29/10/2019, em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010320702018000300335&script=sci_arttext>.
- COSTA, Fernanda Gabriella de Lima. A teoria de Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço / um olhar ético-moral acerca da ação humana. 2023. 78 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Filosofia. Mestrado em Filosofia, Recife, 2023.
- COSTA, Pâmela Bueno; NOYAMA, Samon. A sociedade do cansaço: Byung-Chul Han e o diagnóstico da condição do homem no século XXI. *Ensino & Pesquisa*, [S.l.], out. 2017. ISSN 2359-4381. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/1874>>. Acesso em: 10 Mai. 2019.
- FREITAS-SILVA, L.R.; ORTEGA, F.J.G. A epigenética como nova hipótese etiológica no campo psiquiátrico contemporâneo. *Physis*. 2014; 24(3):765-86. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/bmZjxdjLrmGWpdHJp6prK7N>>. Acesso em 11, jun, 2022.
- GARCIA-JR; PEREIRA - Proliferação diagnóstica e a problemática do risco no DSM-V: O caso da síndrome de psicose atenuada. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, ISSN 1984-2147, Florianópolis, v.12, n.33, p.125-142, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva,. Guaracira Lopes Louro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- BRASIL. Ministério da Saúde. OMS divulga Informe Mundial de Saúde Mental: transformar a saúde mental para todos. Disponível em: <<https://bvsmms.saude.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/>> . Acesso em 01, mar, 2024.
- PIKETTY, T. *O capital no século XXI*. Trad. Monica Baumgarten. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

VIEIRA, C.E.C. Sociedade do cansaço: reflexo da sociedade capitalista de razão neoliberal. Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho. 2022; 25:e-194197. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.cpst.2022.194197>.

Enviado em: 13/03/2024.